

STANDING, GUY. THE PRECARIAT: THE NEW DANGEROUS CLASS. BLOOMSBURY ACADEMIC: LONDRES, 2011.

Yuri Rodrigues da Cunha¹

A presente resenha consiste em um trabalho analítico e contextual da mais recente publicação de Guy Standing “The Precariat: the new dangerous class”, publicado em 2011. Guy Standing tem um vasto currículo, foi eleito em 2009 para Professor Permanente na Academia das Ciências Sociais do Reino Unido; é professor de Estudos e Desenvolvimento na Escola de Estudos Orientais e Africanos (SOAS) da Universidade de Londres; também atuou de 1999 a 2006, no Programa de Segurança Socioeconômico da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

O livro resenhado não possui tradução para o português, desta maneira, entende-se que este presente trabalho pode oferecer uma contribuição a estudantes e pesquisadores com interesse em Sociologia do Trabalho. No livro em questão, o objetivo do autor é apontar sobre a construção de uma “nova” classe que emerge na Inglaterra: o *Precariat*. Esse *precariat* se cria no contexto histórico de consolidação das políticas neoliberais iniciadas no governo de Margareth Thatcher, e, da efetivação de uma nova ordem de mundialização do capital concretizando uma nova divisão internacional do trabalho, que tem como a “nova” oficina do mundo a China e o Leste Asiático.

O livro de Guy Standing é dividido em sete capítulos, onde o autor busca mostrar quem é o *precariat*, onde eles surgiram, como ganharam força, de que maneira tornam-se uma “classe perigosa” na medida em que estão mais frustrados com as atuais políticas-econômicas de austeridade que se espalham pela Europa.

No primeiro capítulo “*The Precariat*” o autor concentra seus esforços para delimitar essa nova classe emergente, o *precariat*, bem como apontar as bases metodológicas de sua análise. O segundo capítulo “*Why the Precariat Is Growing*” é destinado ao contexto histórico em que o *precariat* cresce, apontando as atuais políticas econômicas austeras adotadas para tentar conter o avanço da crise financeira. O capítulo três, “*Who Enters the Precariat?*”, Standing oferece um panorama de quem “entra” no *precariat*, desde a juventude escolarizada, passando pelas mulheres que foram afastadas do mercado de trabalho ao optar por cuidar dos filhos, os velhos que se aposentaram e tentam retornar ao mercado de trabalho, e por fim, os imigrantes e presidiários. Além

¹ Licenciado em História (2008) pelo Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto-SP; Bacharel em Ciências Sociais (2012) pela Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília-SP. Mestrando do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, UNESP, Marília-SP; endereço eletrônico: yuri@marilia.unesp.br.

desses, todos aqueles que possuem trabalhos precários e/ou uma ocupação com relações contratuais instáveis podem ser considerados como parte do *precarariat*.

O capítulo quatro, intitulado de “*Migrants: Victims, Villains or Heroes?*”, o autor concentra sua atenção sobre os migrantes, que, para ele, ocupam grande parte de empregos precarizados ao redor do mundo. Nesse sentido, afirma que ao buscarem melhorar suas condições de vida, aceitam qualquer tipo de trabalho. No quinto capítulo “*Labour, Work and the Time Squeeze*”, o autor busca evidenciar a atual conjuntura e de que maneira esta exerce uma pressão sobre o *precarariat*, o que dessa forma leva esse novo sujeito histórico a exigir outras pautas de reivindicações, como, por exemplo, uma “Renda Básica Universal”.

No sexto capítulo “*A Politics of Inferno*”, Standing foca sobre as políticas neoliberais e a lógica de aprofundamento da competitividade e do individualismo irrestrito, gerando uma antipatia coletiva, que fragmenta a solidariedade do trabalhador. E, por fim, no sétimo e último capítulo, “*A Politics of Paradise*”, o autor aponta sobre as pautas e necessidades do *precarariat*, que passam a exigir liberdade, segurança básica e controle do próprio tempo, mas que só objetivará se construir um ethos de solidariedade social, assim, a necessidade principal dessa classe é a segurança econômica.

A orientação metodológica utilizada para definir o *precarariat* é apoiada no constructo do tipo ideal weberiano. Esse *precarariat*, para o autor, é um grupo socioeconômico diferenciado, considerado como uma “classe-em-a-fazer”², o que não significa que seja a mesma coisa do conceito elaborado por Marx de classe-para-si. A palavra *precarariat* é fruto de um neologismo, com a junção das palavras: precário + proletariado³.

O termo *precarariat* foi utilizado pela primeira vez, de acordo o autor, nos anos 1980 por sociólogos franceses que tratavam esse grupo como trabalhadores temporários e sazonais. Essas características são incorporadas por Standing e tornaram-se elementos centrais em sua definição do *precarariat*, pois, além de trabalhadores pobres e instáveis, esses *precarariats* não possuem identidades baseadas no trabalho seguro, ou seja, não constroem carreiras como a geração criada no “fordismo”.

O *precarariat* é relacionado com as pessoas que não possuem sete características apontadas pelo autor:

- Segurança no mercado de trabalho – o aumento do índice de desemprego;
- Segurança do emprego (employment) – frágeis relações contratuais;

²No original *class-in-the-making*.

³Esse neologismo no Inglês se pautou nos adjetivos *precarious* e *proletariat*, assim, criou-se o termo utilizado pelo autor “*precarariat*”.

- Segurança do trabalho (job) – sem capacidade e oportunidade para manter um núcleo de trabalho que possa ter mobilidade ascendente na escala social;
- Segurança no trabalho (work) – proteção contra acidentes de trabalho;
- Segurança para reprodução da habilidade⁴ – na medida em que os trabalhadores adquirem novas ou aumentam suas competências através de estágios, formações continuadas e não utilizam tais competências no trabalho;
- Segurança de renda – proteções salariais;
- Segurança de representação – sindicatos;

Ainda sob todas essas características, pode-se ter como central para a definição do *precarariat* dois elementos: a falta de segurança do trabalho, pautado pelas frágeis relações contratuais e os baixos rendimentos. Nesse sentido, pode-se pensar em uma transposição do conceito aplicado na realidade brasileira, que pode ser visto nos trabalhadores terceirizados, expressão mais evidente do que seria esse *precarariat*. Ou ainda, a noção de *precarariat* acompanha a construção da própria forma dos mercados de trabalho nos países da periferia do sistema capitalista, mas que somente nos últimos anos chegou aos países centrais.

Para Standing, o *precarariat* é uma nova classe, um novo grupo social, entendido como uma “classe-em-a-fazer”, ou seja, é visto como um estágio embrionário, ou possui um potencial em tornar-se uma “classe-para-si”. Essa característica floresce para o *precarariat* na medida em que há em si muita raiva e ansiedade, que cresce a cada dia graças às transformações institucionais e com as crises econômicas. Nesse sentido, o *precarariat* experimenta raiva, anomia, ansiedade e alienação⁵, que pode refletir em problemas psicológicos, de isolamento, baixa autoestima, frustração, desvalorização etc.

Partes desses problemas se dão pelas experiências de relações geradas no trabalho. Standing afirma que os homens possuem uma pré-disposição a confiar, mas em um ambiente inseguro essa característica se inverte e se agrava em uma sociedade em que tudo é mercantilizado. Pois, na visão do autor, se tudo é mercantilizado, as reciprocidades morais se fragilizam, não gerando um sentimento de solidariedade. Por isso o *precarariat* deve se solidificar como uma “classe-para-si”, mas só pode sê-la, na visão de Standing, se for pautado pelo sentimento de compartilhamento e de identidade gerado no e pelo trabalho.

⁴No original *Skill reproductions security*.

⁵No original, 4 A's *Anger, Anomie, Anxiety e Alienation*.

O *precariat* começa a emergir e se expande com o avanço da mundialização do capital e da nova divisão internacional do trabalho no período pós-crise de 1973, chegando à tona com o choque financeiro de 2008. Para Standing, os ajustes econômicos realizados nos países centrais para tentar remediar a crise de 2008, aumentam as desigualdades e colocam o *precariat* na linha de frente como principais vítimas destas transformações.

Nesse sentido, após a crise de 1973 o *precariat* tende a crescer dado aos seguintes fatores: globalização e nova divisão internacional do trabalho; mercantilização das empresas, que tendem a se tornarem novas espécies de commodities dos capitais financeiros, afetando diretamente os trabalhadores; flexibilidade (funcional, de gestão e salarial); aumento do desemprego causado pelos choques financeiros; e desmantelamento do setor público, oriundo das medidas austeras. Essas medidas de “re-regulação” pautada pelos valores neoliberais, e não desregulamentação, como tradicionalmente se chama esse movimento, na visão do autor, gera uma compactação dos gastos sociais, forçando os trabalhadores a aceitar o trabalho precário, para manter um nível de consumo para sobrevivência.

Essa “nova” classe cresce em meio ao neoliberalismo, em que a flexibilidade dos mercados de trabalho transfere os riscos para os trabalhadores e suas famílias. Essa juventude cresceu em meio a uma nova ordem socioeconômica, diferente da época fordista de seus pais. São jovens que tem outras pautas de reivindicações, diferente dos tradicionais sindicatos, exigindo migração livre, renda básica universal etc. Suas manifestações possuem uma atmosfera carnavalesca, com discursos e palavras de ordem construídos em torno do sarcasmo e do humor. A princípio, era uma juventude eurocêntrica, mas que rapidamente se tornou internacionalista.

Para Standing, esse é um movimento “criativo”, que se iniciou no “Euro May Day”, com pessoas de estilos e padrões de vida não convencional, em certo sentido; o autor afirma que houve uma libertação da mente, uma solidariedade em torno da insegurança, são jovens bem educados, escolarizados que se uniram em torno de um símbolo, o nomadismo contemporâneo no mundo globalizado. Esse “novo” *precariat*, com suas pautas originais, gera uma fraternidade, uma união de grupos criando uma espécie de identidade de classe. Mas o autor adverte que essa massa que participa do Euro May Day – como em outros protestos espalhados pela Europa – tem em comum o medo e insegurança, pois são trabalhadores flutuantes, cuja massa é amorfa e está a ser moldada.

Standing entende que a característica amorfa desse movimento pode fazer com que esses jovens caiam para a extrema esquerda ou direita com facilidade. Isto significa que a emergência dessa nova classe, ainda amorfa, pode levar para uma “política do

inferno” ou uma “política do paraíso”, a depender dos rumos da sua transformação em “classe-para-si”.

Para o *precariat* as clássicas políticas do trabalhismo inglês, assim como as políticas austeras são pouco atraentes. Essa nova classe quer uma redistribuição do capital financeiro, quer uma “Renda Básica” para que possam ter o controle de seu próprio tempo, e mais do que isso, querem que seja atendido sua necessidade vital de segurança e de vida.

O *precariat* é uma classe que vive e trabalha precariamente e que surge após as mudanças institucionais oriundas das reformas neoliberais. Para o autor, esta nova classe é capaz de produzir novas instabilidades na sociedade, pois a mesma está cada vez mais frustrada, tornando-se perigosa aos gestores do capital, ao passo que poderia despertar em si um fervor revolucionário. Assim, o autor aponta para a tese no qual essa nova classe, o *precariat*, é um possível agente revolucionário, isto porque, por se tratarem, na sua grande maioria, de pessoas excluídas do mercado formal de trabalho ou que trabalham precariamente, tornam-se revoltados, e, assim, possuem em si uma potência revolucionária, vista pelo autor como uma “classe-em-a-fazer”, que é capaz de se transformar em “classe-para-si”.

